

# Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade

Conceição Evaristo\*

## Resumo

O estudo pretende trazer algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro. Considera a invenção, pelos brasileiros descendentes de africanos, de formas de resistência à violação e à interdição do negro, impostas pelo sistema escravocrata do passado e pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, realçando as marcas profundas que essas formas de resistência imprimem na nação brasileira.

Palavras-Chave: Literatura afro-brasileira; Literatura negra; Literatura negra feminina.

Nomear o que seria literatura afro-brasileira e quais seriam os seus produtores é uma questão que tem suscitado reflexões diversas. Há muito, um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na Literatura Brasileira<sup>1</sup>. Esse *corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afro-descendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. Convém ainda ressaltar que, mesmo da parte daqueles que reconhecem a existência de uma

---

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ. O presente ensaio retoma o título da Dissertação de Mestrado **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade, que defendi em 1996 na PUC/RJ, e rerepresenta algumas ideias que tenho proposto para discussão sobre a construção da personagem negra na Literatura Brasileira.

1 - Ver estudos de Maria Nazareth Fonseca (2002) e Eduardo de Assis Duarte (2007), dentre outros.

literatura afro-brasileira ou negra, há divergências de entendimento quando se coloca a questão do sujeito autoral e a sua “insinuação”, a sua “infiltração”, o seu “intrometimento” enquanto voz que se enuncia no texto. As discussões em torno do tema têm me envolvido como escritora e como pesquisadora. E a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina<sup>2</sup>. Ressalto, porém, que não é objetivo desse ensaio propor uma discussão aprofundada sobre o conceito de literatura negra ou afro-brasileira. Pretendo trazer, apenas, algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro.

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais<sup>3</sup> que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil. Cabe ainda observar que, no campo religioso, as heranças africanas se acham presentes, tanto na fé celebrativa de uma teogonia e de uma cosmogonia negro-africanas, quanto no Candomblé e também

---

2 - Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o “ponto de vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influenciou em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvincula totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora?

3 - Ressalto que o uso dos termos “raça” e “relações raciais”, nesse ensaio, assim como qualquer expressão relacionada à ideia, compreende o conceito de raça como um construto social e não como uma categoria biológica.

nas formas religiosas travestidas de um sincretismo como na Umbanda, em que as divindades africanas, aparentemente encobertas pelas imagens cristãs, se atualizam como memórias não apagadas de uma fé ancestral. E mesmo no Catolicismo, percebe-se que mitos cristãos como Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio de Categeró, Escrava Anastácia, dentre outros, foram apropriados pelos africanos escravizados e seus descendentes, tornando-se cúmplices e protetores do povo negro. Nota-se, ainda, que apesar desses mitos encarnarem uma santidade católica, os rituais celebrativos a eles dedicados são marcados por posturas africanas de explicitação da fé. Canta-se, dança-se, cuida-se da indumentária, participa-se da festa, pois tudo se converte em modos de se interagir com o divino.

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo.

Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelem dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referenciais negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação. Ninguém nega que o samba tem um forte componente negro, tanto na parte melódica como na dança, para se prender a um único exemplo. Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira? A questão se localiza em pensar a interferência e o lugar dos afro-brasileiros na escrita literária brasileira? Seria o fazer literário algo reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos? Por que, na diversidade de produções que compõe a escrita brasileira, o difícil reconhecimento e mesmo a exclusão de textos e de autores(as) que pretendem afirmar seus pertencimentos, suas identificações étnicas em suas escritas?

Sem pretensão de esgotar a temática sobre o que seria a literatura afro-brasileira, as considerações aqui levantadas apenas buscam situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico.

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos

e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral.

Observando a pouca presença de personagens negros na literatura brasileira, em relação à imensa gama de personagens brancos, com seus papéis de protagonistas da história, Cuti, iniciador de **Cadernos negros** e fundador do grupo Quilombhoje de São Paulo, afirma que a literatura brasileira é abusivamente branca, “em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço” (CUTI, 2002, p. 32). Uma pesquisa recente de Regina Dalcastagnè constata que “a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca” (DALCASTAGNE, 2008, p. 87-110), a partir do resultado da análise de 258 romances publicados entre 1993 e 2008, por três grandes editoras brasileiras. As afirmativas de Cuti e de Dalcastagnè podem ser certificadas em vários momentos da literatura brasileira que, em consonância com o discurso político, religioso, educacional, medicinal e outros, traz, em seu bojo, uma gama de estereótipos de negro.

Momentos fundadores da literatura brasileira surgem marcados pela voz do poeta Gregório de Matos (1699). Literalmente a voz, pois Gregório de Matos deixou um legado que foi dado a conhecer por meio da oralidade, já que o poeta não deixou nada escrito. Buscando, na vida popular de Salvador, matéria para a sua criação poética, Matos revela o olhar depreciativo que era lançado sobre o africano escravizado e seus descendentes no Brasil Colônia. Satirizando os costumes e a colonização portuguesa, o “Boca do Inferno”, como era chamado, exalta a sedução erótica da mulata, menosprezando-a ao mesmo tempo. Pode-se dizer que, com Gregório, começa a se esboçar o paradigma de sensualidade e da sexualidade, atribuído às mulheres negras e mulatas presentes na literatura brasileira. O poeta ainda faz do homem mestiço objeto de críticas e insultos, delineando, em seus versos, o estereótipo do mulato como uma pessoa pernóstica e imitador do branco.

José Maurício Gomes de Almeida (2001) observa que Gregório de Matos lidava mal com a mestiçagem brasileira, que já se fazia notar na época. O poeta, como outros de seu tempo, revelava um profundo mal-estar para com “os mulatos desavergonhados”, termos com os quais Gregório de Matos deixa transparecer o despeito de muitos brancos diante do crescente número de mestiços, filhos de senhores que, como alforriados, ocupavam um espaço social intermediário.

Ainda no Brasil Colônia sobressai um discurso religioso ambíguo que transita entre a catequização, a pacificação e a consolação dos africanos escravizados. Na eloquência de Padre Antônio Vieira, no “Sermão de Nossa Senhora do Rosário”

(2008), dirigido aos africanos escravizados, observa-se a afirmativa de que eles eram vítimas apenas de uma escravidão do corpo, pois a alma era livre; ou ainda, uma louvação dos sofrimentos dos escravos, em que os males da escravidão ganham um sentido sacrificial da morte cristã. Os negros, ali, são conclamados para se rejubilarem com as amarguras do engenho, com o fardo cotidiano, pois, obedecendo à vontade do Pai/Senhor, alcançariam um dia as plenitudes da vida eterna, já que na terra experimentavam as agruras, como Cristo experimentou (BOSI, 1992, p. 119-148). Se o negro aparece na poética de Gregório de Matos como motivo de escárnio ou apelo sexual, em Padre Antonio Vieira, surge como “rebanho a apascentar” para o “Senhor” – leia-se senhor colonizador.

Já a ficção romântica desdenhou o negro como antepassado mítico da nação. O romantismo brasileiro, em seus textos, ao trazer o mito indianista, torna possível a idealização de uma origem mestiça para os brasileiros como um dado constituidor de uma identidade nacional. Duas obras fundamentais, com seus personagens, metaforizam o encontro do europeu com o habitante da terra. **O guarani** (1857) e **Iracema** (1865), de José de Alencar. No primeiro caso, no casal Peri/Ceci, o índio simboliza o espaço americano e Ceci o universo europeu. No segundo romance, Iracema, a mulher da terra, se entrega ao herói português, Martim. Essas obras buscam consagrar o caráter mestiço da sociedade brasileira, fruto do encontro entre os portugueses e índios.

Almeida ressalta que mesmo o português sendo justamente o símbolo contrário à exaltação nacionalista, por meio do encontro com o índio ele recupera, ou melhor, afirma o seu papel de fundador da pátria. Ao lado do nativo americano, que organicamente estava ligado à terra, o colonizador acaba também por ser reconhecido em seu papel de mito fundante da nação. E em hipótese alguma, “nem em termos líricos e idealizados, como ocorre com o índio de Alencar, o negro é associado à gênese do brasileiro.” (ALMEIDA, 2001, p. 97)

Almeida interpreta que a consagração do caráter mestiço da sociedade brasileira, na época de Alencar, podia ser feita, pois objetivamente o contato sexual entre o branco e o índio não era tão frequente, a não ser, talvez, nas longínquas terras do Amazonas. Em parte pode-se concordar com o ponto de vista do autor, porém, outros motivos precisam ser acrescentados para o entendimento da louvação de uma mestiçagem indígena, pelo Romantismo. A presença do africano, e de sua descendência, como sujeito escravizado, era real, concreta e fazia parte do cotidiano do escritor, não só de José de Alencar, mas de outros escritores nascidos no seio de famílias donas de escravos. O conceito que o escritor tinha do africano não se distinguia do que era veiculado na época: o africano era

só um corpo escravo. Essa afirmativa pode ser reiterada com a observação, de Heloisa Toller Gomes, quando a pesquisadora afirma que seria “mais difícil, senão impossível, idealizar o negro escravizado” (GOMES, 1988, p. 29). Destacando a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em várias obras brasileiras, é possível ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem. Uma afasia, um mutismo, uma impossibilidade de linguagem caracteriza muitas das personagens ficcionais negras, sob a pena de muitos autores. No livro, **O tronco do ipê** (1964), de José de Alencar, o personagem Pai Benedito é construído como alguém possuidor de uma anomalia linguística. Dotado apenas de uma linguagem gutural, se expressa por meios-termos, e ao tentar se comunicar em português, isto é, ao usar a linguagem do colonizador, se perde na colocação dos pronomes feito criança.

No romance **São Bernardo** (1934), de Graciliano Ramos, Casimiro Lopes, também um personagem negro, aparece como alguém possuidor só de uma meia linguagem. Casimiro, um empregado fiel – estereótipo renovado do escravo passivo, dócil –, surge descrito pelo personagem-narrador como alguém “dono de vocabulário mesquinho”, que gaguejava ao falar e que, tendo aprendido “alguns termos com o pessoal da cidade”, repete-os sem propósito, em falas sem sentido. Casimiro, quando estava “satisfeito aboiava” (RAMOS, 1974, p. 112). Para uma melhor compreensão do significado do estereótipo que afirma uma incapacidade linguística do personagem, é válido ressaltar que “aboiar” é o som que o vaqueiro tira do chifre do boi para se comunicar com a boiada.

Outro exemplo de negação da linguagem para os personagens negros, distinta dos exemplos anteriores, pode ser aferido no romance **A grande arte** (1990), de Rubens Fonseca. Trata-se do personagem Zaquai, um anão negro, caracterizado como um sujeito falante, prolixo. Entretanto, Zaquai imita um orador branco, não tem um modelo próprio e negro de linguagem e, em uma de suas explicações sobre a “sua bebedeira” de palavras, diz: “Sei que falo demais”. Depois completa: “Sabe quem fala assim? Carlos Lacerda, o maior orador da História do Brasil.” (FONSECA, 1990, p. 256)

Nesse sentido, parece que a literatura, ao compor o negro ora como um sujeito afásico, possuidor de uma “meia- língua”, ora como detentor de uma linguagem estranha e ainda incapaz de “apreender” o idioma do branco, ou ainda como alguém anteriormente mudo e que, ao falar, simplesmente “imita”, “copia” o branco, revela o espaço não-negociável da língua e da linguagem que a cultura dominante pretende exercer sobre a cultura negra, o que sugere as questões levantadas por Eni Orlandi (1988; 1990) em seus estudos sobre análise do discurso. Para a

pesquisadora, o primeiro enfrentamento ideológico entre colonos e colonizados é o embate político-linguístico.

Além dos estereótipos de negros sempre renovados e revitalizados em todos os momentos da literatura brasileira, conforme argumenta Alberto Mussa (1989) sobre o assunto, também pode ser apreendido, em obras consagradas da literatura brasileira, um incômodo discurso eugênico na composição dos personagens negros.

Duas obras paradigmáticas ilustram esse desejo de eugenia, que se traduz no sonho de embranquecer a sociedade brasileira. Uma é o famoso romance abolicionista, **A escrava Isaura** (1875), de Bernardo Guimarães. O autor, incapaz de compor uma heroína que pudesse ser negra, desenha a protagonista como uma escrava mulata, quase branca, educada pela sinhá, que lhe transmite todos os valores de uma educação europeia. Na narrativa a senhora elogia a tez clara da escrava e felicita a moça por ter tão pouco “sangue africano”.

A outra obra é o romance **Os tambores de São Luiz** (1981), de Josué Montello. O desejo de embranquecimento da sociedade brasileira aparece simbolicamente no final da narrativa, como já observou o escritor Cuti, já citado anteriormente. O personagem-narrador, um negro, extasiado, contempla o seu trineto bendizendo a miscigenação que a sua família experimentara. Sua neta mais velha tinha se casado com um mulato, sua bisneta, por sua vez, se casara com um branco, “e ali estava seu trineto, moreninho claro, bem brasileiro”. E nessa diluição da cor negra, com certeza, ficariam esquecidos para todos – conclui o personagem-narrador – os três séculos, de escravidão, de “senhores e escravos, brancos e pretos”, na nação brasileira. (MONTELLO, 1981, p. 479)

Entretanto, talvez, o modo como a ficção revele, com mais intensidade, o desejo da sociedade brasileira de apagar ou ignorar a forte presença dos povos africanos e seus descendentes na formação nacional, se dê nas formas de representação da mulher negra no interior do discurso literário.

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor.

Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se

tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus.

Mulheres infecundas e, portanto, perigosas, como Bertoleza, sempre animalizada no interior da narrativa e que morre focinhando, ou como Rita Baiana, marcada por uma sexualidade perigosa, que macula a família portuguesa, ambas personagens da obra **O cortiço** (1980), de Aloísio de Azevedo. Há ainda a mulher-natureza, incapaz de entender determinadas normas sociais, cujo exemplo é a personagem central do romance **Gabriela, cravo e canela** (1958), de Jorge Amado, com a sua postura de uma ingênua conduta sexual. O que se busca argumentar, aqui, é o que essa falta de representação materna para a mulher negra, na literatura brasileira, pode significar. Estaria a literatura procurando apagar os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira? O imaginário da literatura tenderia a ignorar o papel da mulher negra na formação da cultura nacional?

Entretanto, com bem menos visibilidade, existe, no interior mesmo da literatura brasileira, uma gama de produções que vêm se afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado ao compor personagens negras e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil. Constitui-se como uma escrita que corresponde ao que Homi Bhabha fala da poesia do colonizado. Essa não só encena o “direito de significar” como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo. (BHABHA, 1998, p. 321)

Um exemplo do descaso da história oficial, que se fazia sentir até a bem pouco tempo, era – ou é? – a ausência de textos nos livros didáticos sobre os núcleos quilombolas de resistência ao escravismo que se ergueram em todo território nacional. Sabe-se também da luta discursiva que se tem travado nos campos da história e da literatura, amparada pelas vozes do Movimento Negro, para colocar Zumbi dos Palmares, João Cândido, Luiza Mahim e outros e outras heroínas no Panteão de heróis nacionais. Tal resistência por parte do discurso oficial em incorporar, como eventos históricos nacionais, aqueles ligados à trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil, nos relembra o curto e direto poema de Adão Ventura:

A história  
do negro  
é um traço  
num abraço



de ferro e fogo.  
(VENTURA, 1992)

Retomando a reflexão sobre a literatura afro-brasileira, percebe-se que determinado discurso literário afro-brasileiro não está desvencilhado das pontuações ideológicas do Movimento Negro. A expressividade negra vai ganhar uma nova consciência política sob a inspiração do Movimento Negro Brasileiro, que na década de 1970 volta o seu olhar para a África. O Movimento de Negritude de Leopold Sedar Senghor, Aimé Césaire e outros, tardiamente chegado ao Brasil, vem misturado ao discurso de Patric Lumbumba, Black Panther, Luther King, Malcom X, Angela Davis e das guerras de independência das colônias portuguesas. Amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência. É preciso enfatizar que, embora a década de 1970 tenha sido um período marcante na afirmação dos textos negros, durante toda a formação da literatura brasileira existiram vozes negras desejosas de falar por si e de si. Não se pode esquecer das primeiras: Domingos Caldas Barbosa, Luís Gama, Cruz e Sousa, Lima Barreto. É preciso ressaltar a criação de Maria Firmina dos Reis, com seu romance *Úrsula*, publicado em 1859, sendo a autora apontada como a primeira romancista e primeira mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil<sup>4</sup>. Cabe lembrar a contundência da voz de Luís Gama, filho de Luiza Mahim na obra, uma das líderes da Revolta dos Malês, em 1835, em Salvador, na Bahia<sup>5</sup>. É interessante que Luís Gama, já na época, se autodenominou Orfeu da Carapinha, afirmando a sua condição étnica negra no momento em que toda a sociedade imperial queria ter uma marca mais europeia possível. De Luís Gama não se pode esquecer os enfáticos versos do poema “Quem sou eu”, criação que ficou conhecida como “A bodarrada” (SILVA, 1991, p. 111). No poema, Gama satirizava a sociedade de seu tempo e apontava a mestiçagem brasileira, que marcava muitos dos pretensos brancos da época, dos nobres ao povo, do clero às forças militares imperiais. Os

---

4 - Em 1988, ano em que se comemorou o Centenário da Assinatura da Lei Áurea, o romance *Úrsula* foi republicado pela Presença Edições, do Rio de Janeiro, apoiado pelo MinC/PRÓ-MEMÓRIA/INL. Em 2004, surge a edição feita pela Editora Mulheres, de Florianópolis e pela Editora PUC Minas, de Belo Horizonte.

5 - Sobre Luiza Mahim, recentemente, surgiu um interessante romance histórico, *Um defeito de cor*, de autoria de Ana Maria Gonçalves publicado pela Editora Record, do Rio de Janeiro.

versos do poema respondiam ao termo pejorativo “bode”, apelido que era dado aos mulatos, como ele. Se de Gama não se pode esquecer a troça que ele fazia de uma sociedade que se queria branca, de Cruz e Sousa fica a lembrança de sua poética dolorosa, de sua negritude angustiada, que pode ser lida no poema em prosa “Emparedado”. (SOUZA, 1961)

Sobre Cruz e Sousa, considerado o maior poeta simbolista da Literatura Brasileira, pesa o julgamento de ter sido ele um poeta “perseguidor das formas brancas”. A crítica literária toma como base a profusão de metáforas, cujo simbolismo é a cor branca, presente em suas criações (BROOKSHAW, 1983, p. 155-160). Uma leitura de outros poemas dedicados a sua mãe e a sua noiva, em que o poeta distingue a beleza e a fortaleza das mulheres negras, foi, entretanto, esquecida pelos estudiosos do poeta.

Um escritor, já na República, se destaca no desejo de pronunciar-se como negro, apesar de todas as dificuldades da época. Trata-se de Lima Barreto. Em **Recordações do escrivão Isaías Caminha** (1909), a fusão personagem-autor acaba criando uma cumplicidade de vozes em que o autor pensa e discute as relações raciais da sociedade brasileira. Sua escrita se dispunha conscientemente a se apresentar como uma voz negra questionadora das relações raciais da época. Em seu **Diário íntimo** pode-se ler um projeto literário do autor: “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto (...) No futuro escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e a sua influência na nossa Nacionalidade” (BARRETO, 1956, p. 33). Esse desejo foi registrado por Lima em 1903 e, certamente, o autor, se cumprisse tal anseio, o faria do ponto de vista do negro. Em 1905, podemos ver a ideia registrada novamente nas seguintes anotações:

Veio-me a ideia, ou antes, registro aqui uma ideia, que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de Germinal Negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como nos tempos da escravidão. (BARRETO, 1956, p. 84)

É interessante observar também que Lima Barreto denomina o espaço da vila, onde ele morava, como “Vila Quilombo” (MORAIS, 1983, p. 17). A simbologia resguardada no significado do quilombo servirá para Lima como inspiração para nomear o seu espaço familiar.

Ao pensar em vozes negras na literatura brasileira, o escritor Machado de Assis, até então, tem sido apresentado como a grande incógnita. Entretanto, estudos

recentes tentam desconstruir essa imagem construída em torno do fundador da Academia Brasileira de Letras. O livro **Machado de Assis afro-descendente** (2007), de autoria de Eduardo de Assis Duarte, apresenta um Machado discreto em suas atitudes, mas contudo comprometido com os ideais da Campanha Abolicionista. O pesquisador traz para o leitor textos desprezados pela crítica literária, em que Machado de Assis estaria se pronunciando tanto em relação à escravidão como em relação à abolição dos escravos. O trabalho de Eduardo Duarte busca a desconstrução de uma crítica literária que construiu um processo de embranquecimento de Machado de Assis.

Ao se pensar em uma criação contemporânea de escritores(as) empenhados(as) em uma afirmação coletiva de vozes negras, se destaca o trabalho do Grupo Quilombhoje, de São Paulo, responsável pela criação dos **Cadernos negros**, que atinge, em 2009, o trigésimo segundo volume. No Rio de Janeiro, o Grupo Negrícia, nos anos 80, marcou presença nas escolas, nas bibliotecas, nas comunidades, nos presídios e nos eventos do Movimento Negro com os seus recitais.

A literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares. Muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira. Nome como o de Solano Trindade, dentre outros, deveria figurar na história da literatura brasileira, como poeta modernista. Os vários estudos sobre o modernismo brasileiro não incorporam o nome desse importante poeta negro, a não ser a produção de pesquisadores isolados, tanto na área da literatura como na da história. (Cf. TRINDADE, 1999)

Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua. Por exemplo, enquanto o livro **A cor da ternura** (1989), de Geni Guimarães, pode ser lido como uma espécie de autobiografia ficcionalizada da autora, o livro **Caroço de dendê** (1996) de autoria de Beatriz Moreira da Costa, Mãe Beata de Iemanjá, traz vivências de terreiro que se transformam em temática narrativa para a autora.

Ao se falar da escrita de mulheres negras, necessário se faz voltar ao final da década de 60 para retomar a imagem da escritora Carolina Maria de Jesus<sup>6</sup>. Várias discussões surgiram em torno da escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada por

---

6 - Em 60, surge a primeira publicação da autora, **Quarto de despejo**, obra apresentada pelo jornalista Audálio Dantas, que se tornou sucesso editorial no Brasil e na imprensa internacional. Carolina Maria de Jesus deixou as seguintes obras: **Casa de alvenaria**, **Provérbios**, **Pedaços de fome**, **Diário de Bitúta**.

sua condição de mulher negra, favelada e de pouca instrução escolar. Dúvidas se levantaram sobre a intromissão do jornalista Adálio Dantas na correção dos textos, porém não são essas discussões que serão tratadas agora. O que se torna interessante para discutir sobre a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa – como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita – e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” – sob o olhar de muitos – uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca.

E vozes negras, de homens e de mulheres, como a de Carolina, ecoam em letras por dentro/fora do sistema literário brasileiro, como exemplifica o poema, em seguida:

**História para Ninar Cassul-Buanga**

(com acompanhamento de marimbas)

Nei Lopes

Um dia, Cassul-Buanga, alguns chegaram:  
A pólvora no peito, uma bússola nos olhos  
E as caras inóspitas vestidas de papel.

Vieram numa nau de velas caras,  
Bordadas de Cifrões.  
Suas mãos eram de ferro  
E falavam um dialeto  
De medo e ignorância.

E fomos.  
Amontoados, confundidos, fundidos, estupefatos  
Nossas dignidades eram dadas mar atrás  
Aos peixes.

Chegamos:  
Nosso suor foi o doce sumo de suas canas  
-nós bagaços  
Nosso sangue eram as gotas de seu café

-nós borras pretas.  
Nossas carapinhas eram nuvens de algodão,  
Branças,  
Como nossas negras dignidades  
Dadas aos peixes.  
Nossas mãos eram sua mão-de-obra  
Mas vivemos, Cassul. E cantamos um blue!  
E na roda um samba  
De roda  
Dançamos.  
Nossos corpos tensos

Nossos corpos densos  
Venceram quase todas as competições.  
Nossos poemas formaram um grande rio.  
E amamos e nos demos.  
E nos demos e amamos.  
E de nós fêz-se um mundo.

Hoje, Cassul, nossas mulheres  
-os negros ventres de veludo-  
Manufaturam, de paina, de faina  
Os travesseiros  
Onde nossos filhos,  
Meninos como você, Cassul-Buanga,  
Hão de sonhar um sonho tão bonito...  
Porque Zâmbi mandou. E está escrito.  
(LOPES, 1996)

## Abstract

The study intends to propose some reflections on the “act of doing, thinking and convey” the literary text black. Does the invention, the Brazilians of African descent, forms of resistance to rape and the black ban imposed by the slave system of the past and the ways of race relations that prevail in our society, highlighting the deep scars that these forms of resistance in print Brazilian nation.

Key words: African-brazilian literature; Black literature; Literature black women.

## Referências

- ALENCAR, José de. **O guarani**. 12 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- ALENCAR, José. **O tronco do ipê**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes. “Literatura e mestiçagem”. In: SANTOS, Wellington de Almeida (org). **Outros e outras na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Caetés, 2001. p. 89-110.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 51 ed. Rio de Janeiro: Record, São Paulo: Martins Fontes, 1992
- AZEVEDO, Aluísio de. **O cortiço**. São Paulo: Abril, 1980.
- BARRETO, Lima. **Diário íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isaias Caminha**. São Paulo: Ática, 1995.
- BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. **Caroço de dendê**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2002.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CUTI, Luiz Silva. “O leitor e o texto afro-brasileiro” In: FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Mazza Edições, 2002. p. 19-36.
- DALCASTAGNÈ, Regina. “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. n. 31. Brasília: UNB, janeiro/junho 2008. p. 87-110.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afrodescendente**. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.
- FONSECA, Rubem. **A grande arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- GUIMARÃES, Geni Mariano. **A cor da ternura**. 12 ed. Rio de Janeiro: FTD, 1998.

- GOMES, Heloisa Toller. **O negro e o romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual Editor, 1988.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LOPES, Nei. **Incursões sobre a pele**. Rio de Janeiro: Artium, 1996.
- MATOS, Gregório de. **Obras Completas de Gregório de Matos**. Coleção “Os Baianos”. Salvador: Edição Universitária, s/d.
- MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luiz**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.
- MORAIS, Regis. **Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MUSSA, Alberto. “Estereótipos de negro na literatura brasileira: sistema e motivação histórica”. **Cadernos Candido Mendes** – Estudos Afro-asiáticos, n. 16. Rio de Janeiro: Centro de estudos afro-asiáticos, mar 1989. p.70-86.
- ORLANDI, Eni. (org.) **Política linguística na America Latina**. São Paulo, Campinas: Pontes, 1988.
- ORLANDI, Eni. **Terra à vista** – discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo, Campinas: Cortez, 1990.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Editora das mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- SILVA, J. Romão da. **Luis Gama e suas poesias satíricas**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, INL - MEC, 1991.
- SOUZA, Cruz e. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Cultrix, 1961.
- TRINDADE, Solano. **O poeta do povo**. São Paulo: Cantos e Prantos Editora, 1999.
- VENTURA, Adão. **Costura de nuvens**. Sabará: Edições Dubolsinho, 2006.
- VIEIRA, Antônio. Sermão de Nossa Senhora do Rosário. In: **Sermões e textos online**. Disponível em: <http://www.geocities.com/athensatrium/2466/sermoes.htm>. Acesso em: 30 de Outubro de 2008.